

O TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: IMPLICAÇÕES DAS ATIVIDADES REMOTAS IMPOSTAS PELA COVID-19

Thalitta Fernandes de Carvalho Peres¹

Lorraine da Silva Santos²

RESUMO

O presente estudo aborda os resultados parciais de um projeto de pesquisa sobre o trabalho docente no contexto das atividades remotas impostas pela COVID-19. A partir dessa problemática ampla, faz-se um recorte que situa a pesquisa no trabalho do professor de Matemática. Assim, a questão norteadora da pesquisa é: quais são os limites e desafios que os professores de Matemática enfrentaram para a realização de seu trabalho em forma remota em tempos de pandemia? Desta forma, o presente estudo desenvolveu a pesquisa campo com professores de Matemática da Educação Básica de escolas públicas do interior do Estado de Goiás, tendo como objetivo analisar os limites e desafios que os professores de Matemática enfrentaram para a realização de seu trabalho em forma remota durante a pandemia do coronavírus. Os sujeitos da pesquisa foram 09 (nove) professores que ministram aulas de Matemática, e que aceitaram o convite para colaboração dela. Diante das limitações desse cenário pandêmico, a opção do instrumento de coleta de dados foi a realização de um questionário por meio de formulário eletrônico. Os resultados e análises realizados durante a pesquisa, a partir dos dizeres dos sujeitos participantes, apontaram diversas limitações outorgadas pelo ensino remoto. Em contrapartida, os professores mostraram-se fortes para romper os desafios impostos pela pandemia.

Palavras-chave: Trabalho Docente; Pandemia; Atividades Remotas; Matemática; Educação Básica.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata dos resultados parciais do projeto de pesquisa sobre o trabalho docente dos professores de Matemática da Educação Básica de escolas públicas do interior do Estado de Goiás no contexto das atividades remotas impostas pela COVID-19. A escolha desse tema emergiu, dentre outras questões, da preocupação

¹ Docente orientadora. Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Iporá. E-mail: thalitta.peres@ueg.br

² Acadêmica de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Iporá. E-mail: lorraineipo@gmail.com

legítima dos limites e desafios que os professores enfrentaram para a realização de suas atividades feitas em casa.

Em se tratando do cenário educacional nacional, as redes públicas e privadas do sistema de ensino do Brasil suspenderam suas atividades presenciais, acarretando novos contornos ao trabalho docente. Mesmo entendendo o afastamento social como a melhor alternativa, é fato que ele complexifica a realidade da educação, e altera radicalmente o cotidiano dos professores.

É evidente que os inúmeros desafios já existentes na educação foram potencializados por essa crise global, causada pela pandemia da COVID-19 (DAVIS *et al.*, 2020; MOREIRA; GOUVEIA *et al.*, 2020; TOSTES; FILHO, 2020). Os professores se viram obrigados a ministrarem aulas *online*, as denominadas aulas remotas, usando de recursos tecnológicos, que em sua grande maioria, eram desconhecidos por eles. Com isso, foram atribuídas novas responsabilidades aos docentes, sendo forçados a assumirem o custo de uma infraestrutura física e tecnológica para uso intensivo em seu domicílio. Pressupondo assim, que em suas casas haviam condições adequadas para a realização do teletrabalho.

Como mostram Pretto; Bonilla e Sena (2020), o contexto da pandemia não pode incitar um arranjo educacional imediato e sem planejamento adequado para que gestores, professores e alunos possam atuar com as tecnologias digitais como se fossem ações normais no cotidiano de todos os envolvidos. Assim, para enfrentar tal situação se fez necessário buscar novos aprendizados que ajudassem a compreender as mudanças que a pandemia provocou e ainda provocará na educação, e em específico, no trabalho docente.

Diante disso, o pressuposto básico sob o qual se assentou a proposta desta pesquisa é que as atividades remotas, imposta pela COVID-19 ao trabalho docente, conferiram mais tarefas e responsabilidades ao professor, que em grande parte, não dispunham de condições físicas e tecnológicas apropriadas para realização do teletrabalho.

O professor é um profissional cuja função principal é ensinar, em que a docência como atividade de instrução abrange todo o conceito de ensino. Limonta e Silva (2013) entendem o ensino, como o conceito que melhor explica qual a função social do professor, considerando a sua totalidade na relação entre formação, trabalho e educação. E essa combinação, que já se encontrava fragilizada diante das políticas de

reestruturação educativa sobre o trabalho docente, comprometeu ainda mais a qualidade de ensino, com a nova realidade instalada pela pandemia da COVID-19.

As reformas e novas políticas implementadas no decorrer das duas últimas décadas provocaram mudanças substanciais no trabalho docente, e necessitam de cuidado e esforços em sua compreensão (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2004, 2006, 2010; SAMPAIO; MARIN, 2004). E agora, mais do que nunca, esse entendimento é imprescindível para clarear a nova organização do trabalho escolar que foi colocada pela pandemia do coronavírus, principalmente no sentido de sobrecarregar o professor diante de novas funções.

É necessário ressaltar também, que para se assegurar a aprendizagem, foi recorrente a responsabilização de alunos, professores, pais e gestores pela realização das atividades remotas.

Criou-se uma cadeia social produtora de responsabilização: se o aluno não tiver dispositivos e conectividade, gestores e professores deverão fornecê-los; se as escolas não os tiverem, as parcerias com o setor privado os garantirão; de posse dos meios, o professor orientará e apoiará a aprendizagem dos alunos; se os professores não colaborarem, as escolas os controlarão; se os alunos não aprenderem, isso será verificado nas avaliações (FIEIRA; EVANGELISTA; FLORES, 2020, p. 25).

Preto, Bonilla e Senna (2020) mostram que o que ocorreu foi uma mistura de *homeschooling* com EaD (Ensino à Distância), em que a os professores enviavam atividades para os alunos realizarem em casa, ficando na responsabilidade dos pais o acompanhamento dessas tarefas. Esse traslado da rotina escolar para o ambiente de casa deixou os responsáveis em estado de estresse. Além da limitação do acesso à internet por diversas famílias, muitos pais também passaram a desenvolver o seu trabalho em domicílio (*home-office*), não dispondo do tempo necessário e na maioria das vezes não dominavam os conteúdos escolares para ensinarem os seus filhos.

Nesse sentido, Martins; Coutinho e Corrochano (2020) apresentam que a pandemia pode ser instrumentalizada e se tornar laboratório de testes desse modelo de educação à distância, a qual pode agravar ainda mais as desigualdades sociais. “Com toda certeza a quarentena é extremamente necessária, por outro lado, devemos entender essa proposta de EaD como uma possibilidade que se abre para imposição maior propagação do ensino a distância no Brasil” (p. 17).

A partir dessa problemática ampla, faz-se um recorte que situa a pesquisa no trabalho do professor de Matemática. Considerando como o trabalho docente tem sido a expressão das relações entre os docentes e o Estado, e o peso atribuído a Matemática

nos currículos e nas avaliações externas de toda natureza, sobre esse profissional é imposto várias pressões e até a forma de ensinar.

Entende-se que os limites e possibilidades no processo de ensino-aprendizagem com atividades remotas em Matemática é ainda mais desafiador. E se já era comum as dificuldades dos alunos com aulas presenciais, pode-se dimensionar como ocorreu o processo de ensino-aprendizagem com atividades remotas.

Assim, o que se questiona é: em quais condições os professores de Matemática da Educação Básica realizaram seu teletrabalho? Qual é a relação das políticas educacionais com o trabalho docente nesta pandemia do coronavírus? Qual é a concepção desses professores sobre as atividades remotas? Fazendo um recorte, a questão norteadora da pesquisa é: quais são os limites e desafios que os professores de Matemática enfrentaram para a realização de seu trabalho em forma remota em tempos de pandemia?

Desta forma, a presente pesquisa desenvolveu a pesquisa campo com professores de Matemática da Educação Básica de escolas públicas do interior do Estado de Goiás, tendo como objetivo analisar os limites e desafios que os professores de Matemática enfrentaram para a realização de seu trabalho em forma remota durante a pandemia do coronavírus.

Ressalta-se ainda que a presente pesquisa teve como local de pesquisa a cidade de Iporá, contemplando escolas estaduais de Educação Básica. Os sujeitos da pesquisa foram 09 (nove) professores que ministram aulas de Matemática, e que aceitaram o convite para colaboração da mesma. Diante das limitações desse cenário pandêmico, a opção do instrumento de coleta de dados foi a realização de um questionário por meio de formulário eletrônico. Essa tarefa foi favorecida pela disponibilidade de plataformas gratuitas, como é o caso do *Google Forms*.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pandemia certamente afetou vários pontos na educação, mas o foco do presente estudo é entender as nuances que isto causou para os professores de escolas públicas que ministram aulas de Matemática. Para entender suas realidades, serão expostas suas narrativas sobre pontos positivos e negativos, aprendizados e dificuldades, sentimentos e principalmente os impasses que dificultam a docência.

As aulas presenciais no estado de Goiás foram suspensas no mês de março de 2021, e retornaram três meses depois de forma remota, deixando para os docentes a missão de se atualizarem e providenciar meios tecnológicos para ministrar o conteúdo necessário aos estudantes. Diante disso, apresentaremos os resultados e discussões do questionário respondido por professores de Matemática da Educação Básica da cidade de Iporá-GO.

Inicialmente indagamos aos profissionais da educação se haviam recebido apoio por parte da instituição em que trabalham no sentido de capacitá-los para essa nova modalidade, mas todos argumentaram que não foi oferecido treinamento para utilizar os novos recursos. Contudo, um professor afirmou ter recebido materiais que pudessem ser estudados.

Ressalta-se que são necessários alguns itens básicos para que os docentes possam conseguir entregar uma aula razoável no ensino remoto, como uma boa internet e alguns aparelhos eletrônicos. Além disso, é importante também que os professores saibam manusear esses aparelhos e que tenham conhecimento sobre esses recursos tecnológicos que vão auxiliar em um contato direto com os discentes. Nesse sentido, é preciso entender que “[...] o ensino remoto emergencial exige não só a redefinição da epistemologia dos processos formativos, mas implica numa alteração da epistemologia do próprio campo educacional” (MAGALHÃES; MOURA, 2020, p. 58).

Desta maneira foi questionado aos sujeitos da pesquisa se eles possuíam computador/notebook para as aulas síncronas e/ou assíncronas e uma boa rede de internet. Os professores confirmaram que possuíam o equipamento necessário para as aulas, entretanto 06 (seis) deles acharam necessário o aumento velocidade da rede de internet para o trabalho remoto.

Ao partirmos para discutir a compatibilidade com os recursos tecnológicos, apenas 03 (três) professores não conheciam os aplicativos antes das aulas remotas emergenciais. Em relação ao domínio do uso desses recursos tivemos como resultado notas entre 4 e 10 para o grau de dificuldade no manuseio, perfazendo uma média aritmética de 7,33.

Ao perguntar sobre quais recursos tecnológicos são utilizados para ofertar as aulas na instituição em que trabalha, destacamos as seguintes respostas³:

³ Para assegurar a identidades dos sujeitos da pesquisa, nomeamos os professores com as abreviações P1, P2, e assim, sucessivamente.

Notebook, celular e as plataformas de ensino (meet, whatsapp, google forms, google sala de aula, youtube, kinemaster, videoder) (P9).
Whatsapp, google forms, meet, email (P5).
Usamos celulares e computadores (P2);
Utilizamos celular, notebook e impressora (P4);
Notebook, Smartphone, Webcam e Datashow (P6);
Computador, celular, tripé, quadro de vidro (P7).
A escola que trabalho tem um sistema chamado GR8, onde tudo que é utilizado nas aulas fica registrado lá, as listas de conteúdo e atividades, as aulas gravadas (P8).

Os depoimentos acima evidenciam que o ensino remoto alterou drasticamente a organização de ensino do professor, o que desencadeou em uma prática pedagógica bem distinta do que antes se desenvolvia.

Nesse sentido, o ensino remoto ao impor novas linguagens digitais, plataformas digitais, programas remotos, compreensão do ensino híbrido, das metodologias ativas, novas técnicas de aulas, como filmes, vídeo aulas, etc., em plataformas digitais, conhecimento dos ambientes AVA, Salas de Aula Google, Plataforma Moodle, atividades em espaços de workshops, Google Meets, seminários via on-line, aulas transmitidas por sistemas de videoconferências, webconferências, webinars, lives, Moodle, GSuite, e outras ferramentas que exigem conhecimento próprio, além de intervir no planejamento pedagógico, alteram a subjetividade dos professores (MAGALHÃES; MOURA, 2020, p. 62).

É necessário compreender que se torna primordial que os discentes também tenham fluência com esses recursos tecnológicos, para que possam acompanhar e aprender os conteúdos. Sobre ter disponibilidade a dispositivos eletrônicos para lograr as aulas remotas, 03 (três) professores afirmaram que poucos alunos teriam contato, já 06 (três) asseguraram que muitos alunos têm sim acesso aos dispositivos. Em se tratando do acesso à internet, 07 (sete) dos professores argumentaram que a maioria dos alunos tem boas condições para se conectarem, e apenas 02 (dois) afirmaram que são poucos os alunos com boa estrutura para acesso.

Consequentemente, foi questionado: como as aulas são ofertadas para os alunos que não tem acesso à internet? A resposta foi unânime em relação a estratégia usada, explicando que nesse caso era entregue um material impresso, às vezes semanais ou quinzenais. As falas abaixo testificam essa situação.

Por meio de roteiros de aulas, em que são produzidos textos que poderão estudar para realizar as atividades. Isso é enviado a cada aluno, de forma impressa (P7).
Atividades impressas, disponibilização de equipamentos e internet na escola para visualização dos vídeos aulas e pesquisas. (No momento estamos só com atividades impressas, devido o decreto estadual) (P9).

Em relação a participação e aprendizagem dos alunos, apenas um professor argumentou que os alunos são bem participativos e conseguem entregar as atividades

propostas, 05 (cinco) docentes afirmaram que os alunos estão com dificuldades para aprender os conteúdos e muitos não estão entregando as atividades propostas, e 03 (três) argumentaram que os alunos participam, porém não estão conseguindo acompanhar os conteúdos e as atividades.

Posteriormente foi perguntado sobre quais os principais aspectos negativos encontrados durante este momento. Sobre essa questão, destacamos alguns relatos a seguir:

Falta de apoio por parte da família. (P1)
Ausência do contato humano. (P4)
[...] falta de preparação dos professores. (P8)
Falta de aparelho adequado para o atendimento das aulas; não conseguir atingir a todos os alunos de forma igual e satisfatório. (P5)
A condição de despreparo dos alunos para enfrentarem aulas remotas, uma vez que exige delas a independência para organizar o tempo para o estudo, coisa que muitos não conseguiram, deixando acumular as atividades e com isso, não entregando em tempo hábil. Sem contar, o fato de que muitos desconheciam como enviar e-mails, anexar arquivos etc. (P7)
Falta de participação dos alunos, colaboração dos responsáveis e do convívio escolar. Provocando esgotamento e cansaço extremo. (P9)
Alcançar os alunos que têm dificuldades, encontrar os alunos que desaparecem das aulas, lidar com o número de faltas e de não entrega de atividades nos prazos. (P3)

Diante dos depoimentos acima fica evidente algumas das limitações outorgadas pelo ensino remoto, como: falta de apoio familiar no monitoramento das atividades; dificuldade em localizar e inserir os alunos nas aulas por meio das tecnologias de informação e comunicação; desconhecimento de alguns alunos no manuseio com essas ferramentas; pouca participação dos estudantes nas atividades; não entrega de atividades; ausência das relações sociais escolares; acompanhamento ineficaz aos alunos com dificuldade de aprendizagem; aumento do número de falta às aulas; menor compreensão dos conteúdos escolares; esgotamento e cansaço extremo; inexistência de capacitação dos profissionais da educação para o uso das plataformas e recursos digitais; dentre outras.

Sobre isso, Magalhães (2021, p. 41) ainda apresenta outros pontos, que juntos culminam no aumento e intensificação do trabalho docente.

Por sua vez, aqueles que conseguem manter o vínculo empregatício perdem com frequência o controle sobre o tempo da jornada de trabalho, que aumenta conforme são exigidas maior dedicação, planejamento, formação e reuniões, atividades que, realizadas em sistema de home office, borram os limites de tempo e espaço da vida privada desses docentes.

Diante dessa situação, perguntamos aos professores: você considera que houve intensificação do trabalho docente depois da implementação das aulas remotas? Se sim, por que? Algumas das respostas foram:

Sim, muitos precisaram estudar mais sobre o manuseio dos equipamentos para realizar as aulas. E a elaboração de videoaulas ou web conferências requer uma metodologia mais presente a realidade do aluno, sendo mais objetiva e simplificada. (P9)

Aumentou e muito o trabalho do professor. Não há mais respeito ao horário de trabalho. E o tempo gasto para criar atividades específicas e planejar aulas depende de muito tempo e cuidado. (P3)

Sim. Trabalhamos organizando material para o trabalho remoto, que não pode ser o mesmo para o regime presencial. Fazemos lives, atendemos alunos fora do expediente de trabalho, além da rotina de correção de tarefas, envio, acompanhamento individual. (P7)

Desta forma, as falas acima confirmam a intensificação do trabalho tanto na preparação das aulas e de seus respectivos recursos digitais quanto no atendimento aos alunos. Isso porque durante as aulas presenciais, os estudantes dirigiam suas dúvidas e questionamentos, em sua grande maioria, durante a aula ou dentro da unidade escolar. Contudo, na forma virtual, o limite do horário de trabalho do professor é infringido. Segue abaixo alguns depoimentos que confirmam essa nova realidade.

[...] os alunos te solicitam o tempo todo, precisou de mais dedicação com a utilização dos recursos tecnológicos e na busca de incentivar os alunos a fazer as propostas da escola. (P5)

[...] com as aulas no REANP⁴ os professores tiveram que aprender a reaprender. Sem contar que temos que produzir muitos materiais, participar de lives, atender alunos fora do horário das aulas. (P8)

Nesse sentido, Souza *et al.* (2021, p.143 *apud* Saraiva; Travesini; Lockmann, 2020) afirmam que houve intensificação no trabalho dos professores, pois muitas das vezes,

os docentes encontram-se disponíveis nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por *WhatsApp*, além da necessidade de planejar as atividades, enviá-las em formato digital, disponibilidade para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos.

Além disso, quando o professor P5 menciona “os alunos te solicitam o tempo todo”, pode-se notar não só a intensificação do trabalho sobre a necessidade constante de sempre estar disponível, mas também, o movimento de mesclagem de casa e trabalho, o que gera a violação da privacidade dos professores.

De fato, a reestruturação do trabalho docente, em circunstâncias de pandemia, aprofundou a intensificação e a precarização das condições de trabalho. Sousa *et al.*

⁴ Regime de Estudos não Presenciais (REANP) é um programa de educação remota designado como medida para o restabelecimento do calendário escolar interrompido na modalidade presencial pelo advento da pandemia da COVID-19.

(2021) apresenta diversos relatos de vivências de sofrimento psíquico e sintomas de mal-estar, caracterizados pelos professores como nervosismo, esgotamento mental, cansaço, estresse, ansiedade, irritabilidade, depressão, medo, e perturbações do sono, dentre outros problemas.

Aliada a questão anterior, ainda perguntamos: como você descreveria sua saúde seja ela física ou mental neste momento [pandemia]? Dadas as opções ótima, boa, ruim, ou péssima, 45% dos professores marcaram a opção “ruim”.

Por motivos como esse, Souza (2021) menciona riscos importantes a serem observados, como perda de privacidade; sobrecarga de trabalho e tripla jornada de trabalho. Ou seja, de forma não coincidente, são pontos que como descritos acima pelas narrativas dos professores estão constantemente presentes no cotidiano da maioria. Mas ainda assim, 88,88% dos professores argumentaram que a organização e a execução das atividades remotas têm acontecido de maneira regular, e apenas 11% argumentaram que está sendo difícil.

Diante disso, urge o seguinte questionamento: estariam os professores se adaptando, e conseqüentemente, se acostumando com a alta demanda de trabalho? Eles estão assumindo que aderiram à sobrecarga do trabalho docente e vivendo-a como se fosse a única opção dentro da docência?

Entendendo que a escola é um espaço de resistência e sendo os professores agentes destas mesmas resistências, os resultados obtidos evidenciam uma mesclagem de esperança diante das dificuldades e de empatia pelos alunos. As falas abaixo refletem bem essa questão.

Meu maior aprendizado, foi perceber o quanto podemos evoluir diante da dificuldade e ver que podemos fazer a diferença se queremos. (P5)
Somos capazes de nos adaptar e sobreviver. (P3)
Temos que estar em constante aprendizado. Ser professor é segurar na mão do seu aluno e acompanhá-lo! Mesmo que esse caminho não seja fácil. (P8)
Que o convívio em sala de aula e na escola faz a diferença na educação, empatia transforma a maneira de educar, cada um tem seu tempo e métodos de se aprender. (P1)

Diante do exposto, é notório que apesar dos muitos pontos negativos dentro do trabalho docente durante a pandemia, foi possível formar aprendizagens e adquirir novas experiências. Entendemos assim, que a escola e o trabalho docente são locais de resistência. Resistências estas que são notadas no ter empatia mesmo em tempos tão difíceis e de luta pela vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto apresenta alguns dos limites e desafios que os professores de Matemática enfrentaram para a realização de seu trabalho em forma remota durante a pandemia do coronavírus.

Os resultados e análises realizados durante a pesquisa, a partir dos dizeres dos sujeitos participantes, apontaram diversas limitações outorgadas pelo ensino remoto, como: falta de apoio familiar no monitoramento das atividades; dificuldade em localizar e inserir os alunos nas aulas por meio das tecnologias de informação e comunicação; desconhecimento de alguns alunos no manuseio com essas ferramentas; pouca participação dos estudantes nas atividades; não entrega de atividades; ausência das relações sociais escolares; acompanhamento ineficaz aos alunos com dificuldade de aprendizagem; aumento do número de falta às aulas; menor compreensão dos conteúdos escolares; esgotamento e cansaço extremo; inexistência de capacitação dos profissionais da educação para o uso das plataformas e recursos digitais; dentre outras.

Em contrapartida, os professores mostraram-se fortes para romper os desafios impostos pela pandemia. Descobriram a capacidade que possuem para adaptar, reinventar e superar a realidade presente; buscaram constante aprendizagem diante das ferramentas e plataformas digitais; e ainda tentaram levar, constantemente, esperança e empatia aos seus alunos.

Portanto, o presente projeto de pesquisa possibilitou a identificação de alguns dos limites e desafios que os professores de Matemática da Educação Básica da cidade de Iporá enfrentaram nessa realidade pandêmica. E a partir disso, investigamos os impactos causados pela pandemia do coronavírus no trabalho docente.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, maio-ago. 2009.

DAVIS, Mike [et al.]. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

FIERA, Letícia; EVANGELISTA, Olinda; FLORES, Renata. Chantagem como estratégia para assegurar o “direito de aprendizagem” aos “vulneráveis”. In: SOARES, Sávila Bona V. **Coronavírus, educação e luta de classes no Brasil**. Editora Terra Sem Amos: Brasil, 2020. p. 21-28.

- LIMONTA, Sandra Valéria; SILVA, Kátia Augusta Curado P. Cordeiro da. Formação de professores, trabalho docente e qualidade do ensino. In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; LIMONTA, Sandra Valéria (Org.). **Qualidade da escola pública: políticas educacionais, didática e formação de professores**. Goiânia: CEPED Publicações; Gráfica e Editora América: Kelps. 2013. p. 173-187.
- MAGALHÃES, Jonas Emanuel Pinto. Consciência socioprofissional e docência: a dimensão ético-política do trabalho docente no contexto da pandemia. In: MAGALHÃES, Jonas Emanuel Pinto [et al]. **Trabalho docente sob o fogo cruzado**. Rio de Janeiro: LPP, vol. 2, p. 31-68, 2021.
- MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; MOURA, Sílvia Adriane Tavares de. Intervenções discursivas na subjetividade docente em tempos de pandemia COVID-19. In: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; ROSA, Sandra Valéria Limonta; TEIXEIRA, Ricardo Antonio Gonçalves (Orgs.). **Formação, profissionalização docente e trabalho educativo**. — 1. ed. — Goiás: MC&G Editorial; UFG, 2020. p. 51-68.
- MARTINS, Marcos Francisco; COUTINHO, Luciana Cristina Salvati; CORROCHANO, Maria Carla. **Condições e dinâmica cotidiana e educativa na RMS (Região Metropolitana de Sorocaba/SP) durante o afastamento social provocado pelo coronavírus**. PPGEd-So - Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar campus Sorocaba - Sorocaba/SP, maio de 2020.
- MOREIRA, Elaine; GOUVEIA, Rachel [et al.] (Orgs.). **Em tempos de pandemia: propostas para defesa da vida e de direitos sociais**. – Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, 2020.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. Reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. Regulação educativa na América Latina: repercussões sobre a identidade dos trabalhadores docentes. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 44, p. 209-227, 2006.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 1, p. 17-35, 2010.
- PRETTO, Nelson De Lucca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula F. de Souza. (Orgs.). **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19**. – Salvador: Edição do autor, 2020.
- SAMPAIO, M.; MARIN, A. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1203-1225, set./dez. 2004.
- SOUZA, K. R. de [et al.]. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.19, p.1-14, 2021.
- TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (Orgs.). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. – 1.ed. – Bauru, SP: Canal 6 Editora, 2020.